

2. Um presente recebido e dado

Comecemos, então, aprofundando a dimensão da *transmissão*.

"Transmissão", etimologicamente, deriva do latim *transmittere*, um verbo composto de *trans*, além, e *mittere*, enviar. Significa passar algo de um lugar para outro, de uma pessoa para outra, de um tempo para outro, de uma geração para outra. Talvez também possa ser entendido no sentido de passar uma missão, que a missão seja o objeto, a realidade que se passa.

Já a etimologia nos faz entender que esse termo é vital para nós, que se trata de uma questão fundamental, principalmente na vida monástica. A base dos nossos problemas hoje, não consiste essencialmente em um problema de transmissão? Temos a impressão de que estamos acabando, que a nossa missão chegou ao fim, que está se esgotando, que ninguém a recolherá. Mas estamos preocupados em transmiti-la? Temos uma ideia exata de transmissão? Dito de modo mais radical: temos simplesmente uma ideia de transmissão?

Para dizer "transmitir", no sentido de transmissão ou no sentido de tradição, o Novo Testamento usa muito frequentemente o verbo *para-didomi* com diferentes gradações de significados. A que nos interessa literalmente significa "dar além, dar para além de".

Isto nos torna, antes de mais nada, atentos ao fato de que transmitir é uma forma de dar, um presente, portanto, uma forma de amor. Mas acima de tudo, a ideia de transmitir envolve um dinamismo pascal no sentido de uma "passagem", porque é um presente que passa de uma pessoa para outra. E mais: transmitir é um fazer passar, onde aquele que transmite não está no início e nem é o destinatário final do presente que está passando. É como se estivesse entre os dois, no lugar do que serve um presente que um outro dá para outro. Isto implica, basicamente, uma disposição de humilde gratuidade, uma atitude de servo humilde que se esquece de si. Pode-se dizer que a verdadeira transmissão *é uma memória exercida no esquecimento de si*.

É iluminante ver alguns exemplos deste sentido de transmissão no Novo Testamento.

Jesus, por primeiro, viveu a transmissão neste sentido, como Ele mesmo expressa em sua oração ao Pai no capítulo 17 de São João. Aqui, o objeto da transmissão é a palavra de Deus que Cristo transmite do Pai aos seus discípulos, mas o texto nos faz entender claramente que esta palavra coincide com o próprio Jesus, o Verbo de Deus: "Agora eles reconheceram que todas as coisas que me deste procedem de ti. Porque eu lhes transmiti as palavras que tu me confiaste e eles as receberam e reconheceram verdadeiramente que saí de ti, e creram que tu me enviaste." (Jo 17, 7-8).

Mais adiante, Jesus acrescenta no mesmo sentido: "Dei-lhes a Tua palavra" (Jo 17, 14a).

Creio que todo o Evangelho poderia ser lido à luz do fato que Jesus vivesse sua missão como uma transmissão entre o Pai e os homens. E o que Jesus transmitia era essencialmente a sua Pessoa, coincidia com a sua Pessoa. Este é também o significado da *kenosis* do Crucifixo: Ele se esvazia para deixar-se transmitir do Pai aos pecadores como Salvador, como Salvação em pessoa, como encarnação da Salvação.

Deveríamos sempre partir daquela absoluta pureza com a qual Jesus se entrega a nós, ao mundo, como totalmente transmitido do Pai aos homens, para compreender o que significa "tradição", o que significa "fidelidade", o que significa "testemunhar", etc. E também o que significa "obediência", porque a pureza da transmissão que Jesus encarna é uma obediência absoluta, uma renúncia em conceber a própria vontade como origem do dom de si aos homens. Obediência que é uma escuta, *ob-audire*, tão bem expressa por São Bento desde a primeira palavra da Regra: *Obsculta*. Voltaremos neste ponto. Mas é importante não perder de vista, a absoluta humildade com a qual Jesus se deixou transmitir pelo Pai para a humanidade. E o dom do Espírito nada mais é, por assim dizer, que a *transmissão da transmissão do Filho*.

Não sei como expressá-lo, não se trata de explicá-lo, mas de deixar que o mistério do Divino Amor trinitário se manifeste; se trata de contemplá-lo, de meditá-lo em nosso coração como fazia Maria, para receber a única luz que ilumina tudo sem criar novas sombras.

Muitas vezes reduzimos a imitação da obediência de Jesus a algo formal e funcional. Enquanto nossos votos não deveriam ter outra substância que não seja o amor de Cristo, que se deixa transmitir totalmente pelo Pai para a humanidade, para realizar a Salvação universal.

A primeira pergunta que devemos nos fazer, o primeiro exame que devemos fazer sobre nós mesmos, sobre nossas comunidades, sobre nossa observância, sobre nossos costumes, deve partir do que está no centro do cristianismo e permanecer lá: que a salvação do mundo se encontra em Cristo que o Pai transmite à humanidade. Ou melhor: que a salvação do mundo está em Cristo, que se deixa transmitir totalmente pelo Pai para a humanidade.

A questão é então, se concebemos a nossa vocação e vida monástica à luz deste centro. Vivemos no mosteiro a serviço da transmissão de Jesus Cristo? Vivemos a nossa fidelidade monástica a serviço da transmissão de Jesus? Vivemos como uma transmissão de Jesus na integralidade com a qual Jesus se deixou transmitir pelo Pai ao mundo? Jesus não viveu sua missão como transmissão de uma mensagem, como transmissão de uma moral, como transmissão de um rito, como transmissão de um exemplo. Ele a viveu como transmissão de toda a sua Pessoa, de tudo o que Ele é: Deus e homem; corpo, alma e espírito; de todo o seu coração, de todos os seus relacionamentos divinos e humanos. Vivemos a nossa vocação, pensamos em nossa vocação à luz e como encarnação *desta* tradição, *desta* total transmissão de Cristo?